



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

Com o aparecimento d'esta revista mensal, renova-se, em bases mais estáveis, uma iniciativa catholica de incontestavel auctoridade e de extraordinario alcance.¹

LUSITANIA : revista catholica mensal², foi publicada com a aprovação eclesiástica do Bispo do Porto, D. António Barroso, então exilado em Barcelos, tendo dado continuidade à conimbricense *Estudos Sociais*, entretanto extinta³. Foi editada entre Janeiro e Dezembro de 1914 em doze números mensais, num total de 794 páginas. Propriedade da Companhia Portuguesa Editora com sede na Rua da Boavista, 307, no Porto, tinha como depositária a Secção Religiosa da mesma editora, para onde deveriam ser enviados todos os pedidos de assinatura. O local da Secção Religiosa da Companhia Portuguesa Editora variou ao longo dos doze meses, tendo começado por ser na Rua de Santa Thereza, 10, passando em Maio para a Rua da Fábrica, 13, ambas no Porto, e por último, em Outubro, mudou-se para a sede da editora. A impressão, até ao nº 4, foi feita na tipografia de A. J. da Silva Teixeira, Sucessor; do nº 5 até final, na tipografia Teixeira - Mário Antunes Leitão, ambas com endereço na Rua da Cancellia Velha, 70. O preço de cada fascículo era de 150 réis, a assinatura semestral 750 réis e a anual 1\$500 réis.

Os responsáveis editoriais mantiveram-se ao longo dos doze números e eram: Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso⁴ como diretor e proprietário, Dr. Manuel Gonçalves

¹ Francisco de Sousa Gomes Velloso, in *Lusitania*, n.º 1 (1 Jan. 1914), p. 1.

² Disponível na Hemeroteca Digital, em:

http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/lusitania_revcatmensal/lusitania_revcatmen.htm.

³ Cf. Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX*, vol. 1, pp. 224-225.

A revista *Estudos sociais* está disponível na Biblioteca Nacional Digital, em <http://purl.pt/739>.

⁴ Francisco Daniel de Sousa Gomes Velloso (1892-1960) nasceu em Vila do Conde e faleceu em Lisboa. Formou-se em Direito na Faculdade de Coimbra e foi advogado, notário, jornalista, regionalista, dirigente do Grémio do Minho, membro dos Conselhos Legislativos de Angola e Moçambique, secretário geral e consultor jurídico da Associação Comercial de Lisboa, deputado eleito pelo círculo de Viana do Castelo nas listas do Centro Católico em 1918. Dirigiu jornais e semanários tanto na Metrópole como no Ultramar e colaborou com diversos periódicos. Também foi autor de obras publicadas como *O Canto Coral como Factor Educativo*, *O Regionalismo*, entre outras.

Cerejeira⁵, como editor e o Dr. Ferreira Pinto⁶ como assistente eclesiástico. No fascículo nº 7 é anunciada a colaboração, a partir do número seguinte, do dr. Cunha e Costa⁷, advogado e jornalista que se dedicaria a assuntos da vida nacional.

Todos os fascículos apresentam um *Summario* na capa. A publicidade é maioritariamente a publicações e literatura eclesiásticas. A nossa coleção apresenta o primeiro fascículo incompleto, contendo apenas as primeiras 62 páginas, não concluindo o artigo “Notas d’actualidade : O Cardeal Rampolla”, e não contendo a rubrica “Bibliographia” nem o artigo “Zara”, de J. Ruella Ramos.

COLABORADORES

A nossa nomeação de colaboradores reúne os mencionados pela própria *Lusitania*, nos versos de capa de todos os fascículos. Cumpre no entanto assinalar que nem todos assinam artigos, o que abre a possibilidade de outros níveis de colaboração que não

⁵ Manuel Gonçalves Cerejeira (1888-1977) nasceu na freguesia de Santa Marinha de Lousado, concelho de Famalicão e faleceu na Buraca, concelho da Amadora. Formou-se em Teologia na Universidade de Coimbra, em 1912. Em 1916 formou-se em letras na mesma universidade e em 1919 foi nomeado professor de Letras. Na mesma faculdade foi arquivista paleógrafo e diretor do arquivo da Universidade. A sua escalada na hierarquia da Igreja foi fulgurante e em Fevereiro de 1930 tornou-se Patriarca de Lisboa. Colaborou em diversos periódicos e também foi autor de alguns livros considerados de grande valor científico e literário. Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Tomo 6, p. 507.

⁶ António Ferreira Pinto (1871-1949) nasceu na freguesia de S. Mamede de Guisande, Vila da Feira e faleceu no Porto. A sua formação académica desde cedo foi de cariz religioso tendo-se iniciado no Colégio do Espírito Santo, em Braga, seguindo para o seminário do Porto onde terminou os estudos em 1892, tendo depois seguido para a Universidade de Coimbra onde se formou em Teologia. Em 1897 foi nomeado para dar aulas no seminário do Porto e no ano seguinte já era pároco da freguesia da Vitória. Em 1929 tornou-se reitor do seminário sendo já nessa altura cônego da sé catedral. Ao completar 50 anos de ensino foi condecorado com o oficialato da Ordem de Santiago e a Câmara Municipal do Porto concedeu-lhe a medalha de honra da cidade. Em simultâneo foi elevado à categoria de arcediogo da Sé. Sendo um espírito culto evidenciou-se como escritor deixando mais de uma centena de obras sobre a história da cidade do Porto, além de monografias, conferências, etc.. Também colaborou em alguma imprensa periódica, e no *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto. Deixou um estudo documentado sobre a ação educativa do clero portugalense, sem dúvida um ponto convergente com a revista católica *Lusitania*, que se apresenta com um fim pedagógico para os fiéis.

⁷ José Soares da Cunha e Costa (1868-1928) foi advogado, escritor e jornalista. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, tendo mais tarde repetido o curso na Faculdade de Direito em S. Paulo, sem o que apenas poderia ser advogado de provisão por ser estrangeiro. Foi também cônsul de Portugal na cidade Santos. Ao voltar a S. Paulo fundou o jornal *O Dia* e colaborou na *Revista da Semana* e no *Jornal do Brasil* do qual foi também correspondente ao voltar a Portugal. Em Portugal colaborou em vários jornais: *A Pátria*, *Voz Pública* e *Século*. Foi um político de destaque tendo sido até 1911 militante do Partido Republicano Português e pertenceu à primeira vereação municipal republicana de Lisboa tendo sempre recusado cargos políticos remunerados. Acabou por abandonar a ideologia republicana e ingressou no partido monárquico passando a colaborar em jornais católicos. Terá sido neste contexto a sua participação em *Lusitania: Revista Catholica Mensal*. Pela sua eloquência e mérito foi condecorado com a comenda de Santiago e a Legião de Honra. In: *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Tomo 8, pp. 276.

passassem pela autoria expressa. São eles: A. Castelein S. J., Agostinho Coutinho, Agostinho de Jesus e Souza, Almeida Correia, António Barbosa Leão, Alberto Pinheiro Torres, António Barroso, António Bento Martins Junior, cónego dr. António Bernardo da Silva, António de Carvalho, António d'Oliveira Salazar, António Ferreira Pinto, António Garcia de Vasconcellos, António Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, António Mendes Martins Junior, António Pereira dos Santos Motta, Arthur Bívar, D. Augusto Eduardo Nunes, Castro Meirelles, Correia Pinto, Crispiniano da Costa, Cunha Barbosa, Cunha e Costa, Desbusquois, Domingos Pinto Coelho, Monsenhor Domingues Máriz, Elias d'Aguiar, Emilio Huon, Ferreira da Silva, Ferreira Pinto, Fortunato d'Almeida, D. Francisco d'Almeida, Francisco Daniel de Sousa Gomes Velloso, Fortunato d'Almeida, Gomes Leal, padre Guimarães Dias, H. A. Montagne, J. Giraud, J. Laurec, padre João Adelino Monteiro Vacondeus, João Cavaco, João Franco Monteiro, João Ramos de Castro, José Agostinho, D. José d'Azevedo e Menezes, José de Almeida Correia, José Manuel de Noronha, José Soares da Cunha e Costa, Júlio de Castilho (2º Visconde de Castilho), Juvenal d'Araújo, Leite de Faria, Lino Netto, Manoel Pereira dos Reis, D. Manoel Vieira de Matos, Manuel Cerqueira Gomes, Manuel Gonçalves Cerejeira, Manuel Pereira dos Reis, Martins Semblano, Mendes dos Santos, padre Nestor Serafim Gomes, P. L. de C. E Castro, Pacheco d'Amorim, Pinheiro Torres, Ruella Ramos, Santos Motta, Sílvio Péllico, Visconde de Castilho e Zuzarte de Mendonça.

OBJETIVOS

LUSITANIA: Revista Catholica Mensal, propõe-se a colaborar na reconstrução religiosa do país, passados os primeiros três anos da implantação da república, regime que abalou as instituições religiosas e a própria Igreja em Portugal. As culpas recaem sobre o espírito revolucionário que Francisco Velloso descreve como "...essencialmente um espírito de desunião e de ambição desmedida..."⁸ À sua atuação não poupa críticas:

"Misericórdias, confrarias e outras gloriosas corporações, cahiam nas mãos dos inovadores, desnor-teava-se o seu principal fim religioso de caridade e beneficência social, e nos antigos logares conquistados pela abnegação de

⁸ *Lusitania*, n.º 1, 1 Jan. 1914, p. 2.

muitos, pompeava agora o egoísmo político...”⁹

É defendida uma reorganização da Igreja livre de influências externas, que abranja o maior número de pessoas possível de entre toda a população, de todas as classes. No entanto, admite-se que uma tal reestruturação só é possível mediante uma orientação superior, intelectual e ortodoxa:

“A presente revista vem oferecer-se desinteressada e dedicadamente ao preenchimento urgente d'esta lacuna. Entra resoluta no traçado auctorizado e superiormente elaborado pelo Episcopado Portuguez...”¹⁰

Propõem-se uma multidisciplinaridade considerada essencial:

“...desde a religião à philosophia e aos varios ramos das sciencias positivas, desde a litteratura á critica de Arte, e ás apreciações acêrca dos monumentosos problemas sociaes hodiernos.”¹¹

Efetivamente, podemos apreciar ao longo da leitura de *LUSITANIA: Revista Catholica Mensal* uma variedade de artigos versados por autores especialistas em diversas áreas, coexistindo os estudos relativos ao catolicismo com artigos de pedagogia, sociologia, filosofia, arte e história, como "o longo estudo intitulado «Parcival e Parsifal» de R. A., com uma análise do wagnerianismo”.¹²

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Apenas três anos e dois meses incompletos decorreram desde o golpe que depôs a Monarquia ao nascimento desta publicação mensal. O ambiente era ainda muito pós-revolucionário. Recuando aos primeiros momentos da República, deparamo-nos com um cenário de verdadeira perseguição às igrejas, aos religiosos e às ordens, que culminou com a detenção dos jesuítas e a sua posterior deportação do país. A Igreja tornou-se o

⁹ *Ibidem.*

¹⁰ *Ibidem*, p. 6.

¹¹ *Ibidem.*

¹² Cf. Daniel Pires, op. cit., vol. 1, pp. 224-225.

alvo preferencial dessa febre revolucionária e viu, impotente, as suas instituições, obras e colaboradores perseguidos, com um nível de violência pouco comum. Sob este clima de “infortunado viver sob a opressão”¹³, não é de admirar a proposta feita por *Lusitania: revista catholica mensal*:

“...rearvorar o prestígio das hierarchias legítimas, seleccionar as aptidões, classificar os valores, e além d'isso, ser de realisação adaptavel ás variações de logar, de tempo e de costumes, lançar os seus esteios no campo social, attendendo ás carencias do povo e restabelecendo no paiz enfim o apostolado laico!”¹⁴

Lisboa, 4 de Novembro de 2016

Alda Anastácio

BIBLIOGRAFIA:

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira. Lisboa; Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, imp. 1978.

CEREJEIRA, Manuel Gonçalves; VELLOSO, Francisco de Sousa Gomes - *LUSITANIA: Revista Catholica Mensal*. Porto : M. G. Cerejeira, 1914

MARTINS, Rocha - *A Republica : (memorias para a historia do novo regimen)*. Lisboa : Sociedade Typographica, 1910.

PIRES, Daniel - *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do séc. XX*. Lisboa : Grifo, imp. 1996.

¹³ *Lusitania*, n.º 1, 1 Jan. 1914, p. 1.

¹⁴ *Lusitania*, n.º 1, 1 Jan. 1914, p. 3.